

EXCLUSIVE

WWW.FEEDFOOD.COM.BR

# feed & food



PORTA-VOZ DA CRIAÇÃO DA CRIAÇÃO NA ANIMAL

ANO 15 - Nº 176 - DEZ 21

**CIOSULLI**  
EDITORES

**AQUICULTURA**  
IFC E FENACAM  
MARCAM RETOMADA  
DOS EVENTOS  
PRESENCIAIS

**LEITE**  
BRASIL SUL E DAIRY  
VISION APONTAM OS  
CAMINHOS PARA  
O FUTURO

(à esq.)  
Joan Torrent  
e Lucio Lopes

## NO RADAR DAS COMPANHIAS

DESTAQUE NO MERCADO DE ÓLEOS FUNCIONAIS, OLIGO BASICS COMPLETA 22 ANOS COLHENDO FRUTOS DE UMA GESTÃO PAUTADA NA CIÊNCIA E INOVAÇÃO. QUADRUPLIÇÃO DAS ESTRUTURAS E INVESTIMENTOS EM NOVOS NEGÓCIOS CARIMBAM ESSA NOVA FASE, DIZEM OS SÓCIOS



# POTENCIAL A SER EXPLORADO

**FENACAM REÚNE TODOS OS ELOS DA CARCINICULTURA E DEBATE CONJUNTURA FAVORÁVEL PARA A ATIVIDADE. ESPECIALISTAS DEIXAM CLARO: HÁ OPORTUNIDADES DENTRO E FORA DO PAÍS**

**JOÃO PAULO MONTEIRO, DE NATAL (RN)**  
joao@ciasullieditores.com.br

O dia 16 de novembro marcou a volta dos grandes eventos presenciais em Natal, no Rio Grande do Norte. A “cidade do sol” se transformou no ponto de encontro da carcinicultura brasileira durante os quatro dias da Fenacam, a Feira Nacional do Camarão.

A concorrida cerimônia de abertura do evento contou com a presença não apenas de produtores, técnicos e acadêmicos, mas também de

diversas autoridades, destacando a importância do encontro. Uma delas, a professora Fátima Bezerra, governadora do RN. Em seu discurso, ela realçou o recente crescimento do setor, principalmente da carcinicultura, e projetou um futuro positivo para a atividade, confiando na retomada das exportações.

“Nosso governo seguirá dando todos os apoios e incentivos necessários para isso, porque entendemos que a

conquista de novos mercados redundará em aumento de produção e, consequentemente, da geração de emprego e renda no nosso Rio Grande do Norte”, afirmou Fátima Bezerra.

Essa mesma tônica esteve presente na fala de Itamar Rocha, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Camarão, a ABCC, organizadora da Fenacam.

Itamar destacou as dificuldades superadas pelo setor e, além disso,



**PRODUTORES, TÉCNICOS, ACADÊMICOS E AUTORIDADES ACOMPANHARAM A ABERTURA DA FENACAM. NO CENTRO DE CONVENÇÕES DE NATAL**

o crescimento da atividade mesmo em tempos de pandemia: “Quando analisamos a conjuntura econômica setorial do Brasil e do mundo, não temos dúvidas que o setor carcinicultor e aquícola brasileiros poderiam estar contabilizando muito mais vitórias, pois, a despeito de todos os percalços e de não ter recebido nenhum apoio financeiro governamental, a produção de camarão cultivado e de peixes de cultivo do Brasil cresceu, respectivamente, 24,4% e 6%”.

Focada no mercado interno, o desempenho da carcinicultura brasileira continua expressivo. Como informou Itamar, a atividade cresceu 86,6% entre 2016 (60 mil toneladas) e 2020 (112 mil t).

“O Brasil, que já foi líder mundial de produtividade de camarão marinho cultivado, tendo ocupado posição de destaque nas importações de camarão pequeno médio dos EUA e de camarão tropical da União Europeia, hoje não é mais considerado nem como potencial produtor ou quanto mais exportador”, lamentou o presidente da ABCC.

Diferente da relevância no comércio internacional das carnes bovina, suína e de aves, onde o Brasil representa algo em torno de 35%, o desempenho da carcinicultura brasileira é pífio. “A despeito das nos-

as excepcionais condições edafoclimáticas, infraestruturais e locais, representamos apenas 344 mil dólares das importações globais (30 bilhões de dólares) de camarão marinho em 2020”, aponta Itamar.

Os desafios, portanto, estão claros e foram amplamente debatidos durante a Fenacam. O setor deve continuar sua evolução produtiva ao mesmo tempo em que amplia mercados, tanto no próprio País quanto internacionalmente.

**CERTIFICAR PARA EXPORTAR.** A Fenacam trouxe um especialista e comprador internacional para tratar do mercado externo: André Brugger. Além de coordenador do Núcleo de Aquicultura e Pesca Sustentável do IABS (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade), o profissional responde também como gerente de Sustentabilidade, Compliance e Qualidade da Netuno USA.

“Definitivamente se nota uma mudança na percepção do consumidor, que passou a querer conhecer mais sobre a procedência dos produtos e seus modos de produção”, inicia.

No Brasil, essa busca por alimentos certificados ainda não demonstra muita força. Contudo, no mercado de pescado estadunidense essa pressão já existe e a saída é a certificação das produções. Esse foi o principal tema da palestra de André durante a Fenacam.

Nos Estados Unidos, explica, o próprio mercado impulsionou a ▶

PARA **ITAMAR ROCHA**, AQUICULTURA BRASILEIRA PRECISA “SAIR DO ARMÁRIO”, PARA INSERIR O PAÍS NO GIGANTESCO TRADING INTERNACIONAL

“NO RN, A ATIVIDADE GERA CERCA DE 25 MIL EMPREGOS DIRETOS E INDIRETOS. INVESTIR NESSE SEGMENTO É GERAR MAIS EMPREGO E RENDA PARA OS POTIGUARES”, DISCURSO A GOVERNADORA DO ESTADO, **FÁTIMA BEZERRA**



adoção por parte da cadeia produtiva ou importadores. “Principalmente as mulheres da geração Y, pensando no melhor para a família”, acrescenta. Assim, houve um efeito dominó: “O consumidor pressiona as grandes redes de varejo que, por sua vez, passam a cobrar os fornecedores”.

Essa demanda do mercado evidencia como os benefícios trazidos por um processo de certificação vão além de questões socioambientais.

O principal deles é a rastreabilidade, requisito exigido em países como os europeus e no próprio Estados Unidos. “O produto certificado traz consigo um conjunto de informações validadas por terceiros, o que dá aos governos, agências reguladoras e aos consumidores maior segurança, pois garante que a produção está de acordo com os aspectos regulatórios e tem seus impactos monitorados”, resume André.

Assim, o momento é propício para a cadeia produtiva brasileira se atentar aos selos e certificados. “O mercado externo está procurando e o câmbio está bom”, argumenta.

Neste cenário, o investimento se justifica, acredita André. Dependendo do tamanho da propriedade, uma auditoria pode chegar até mesmo na casa de 20 mil reais, contudo, ele questiona: “O que representa esse valor diante das possibilidades de mercado que se abrem?”.

**E O MERCADO INTERNO?** Alex Augusto Gonçalves é professor e pesquisador na Universidade Federal Rural do Semi Árido, em Mossoró, no RN. Ele foi também um dos palestrantes desta edição da Fenacam.

Com ampla experiência, para ele, o atual gargalo do setor reside exatamente em transformar o camarão, uma matéria-prima tão rica nutricionalmente, em produtos à mesa do consumidor.

“Essa é justamente a pedra no sapato do setor”, afirma e relata: “Desde 2009, quando cheguei ao RN, acompanho essa evolução tecnológica e produtiva do setor na parte do cultivo; contudo, o

DURANTE PALESTRA, **ALEX GONÇALVES** MOSTROU AO PÚBLICO DA FENACAM DIVERSAS OPÇÕES PARA O PROCESSAMENTO DO PESCADO



“AQUICULTURA BRASILEIRA PODE ATINGIR UMA PRODUÇÃO DA ORDEM DE 14 MILHÕES DE TONELADAS AO ANO, O QUE SE TRADUZ EM GANHOS NA ORDEM DE 169 BILHÕES DE REAIS”, PROJETA **MAURÍCIO PESSOA**



ALÉM DOS BENEFÍCIOS SOCIOAMBIENTAIS, PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO FACILITA A EXPORTAÇÃO DEVIDO À RASTREABILIDADE, APONTA **ANDRÉ BRUGGER**

consumo no mercado interno não acompanha esse desenvolvimento”.

Os números mais recentes mostram um consumo médio de apenas 500 gramas por habitante ao ano no País. “Precisamos trabalhar em cima disso, aumentando esse indicador por meio da diversificação de produtos”, aponta o professor.

Durante a Fenacam, uma empresa apresentou seus esforços para elevar esse número. Em sua palestra, o diretor Comercial da GeneSeas, Gabriel de Carvalho Pires, destacou como uma maior profissionalização na distribuição é essencial para a exploração desse enorme potencial de consumo no País.

“O varejo vem se tornando cada vez mais importante, pelas mar-

gens e relevância em mix de produtos para o consumidor. Devemos explorar esse espaço e aproveitar as oportunidades; além de levar ao food service soluções que alavancam vendas e gerem margens de forma sustentável”, resumiu.

Como apresentou Gabriel, o consumidor, de fato, mudou: “Ele quer alimentos indulgentes e diferentes. Precisamos olhar para quem é que está consumindo e quem poderia consumir camarão”.

E, tão importante quanto a qualidade e diversidade dos produtos ofertados é a constância. “Capilaridade”, determina o diretor. “Para a categoria crescer, precisamos estar presentes, ou seja, não perder por W.O”.

A indústria, disse, deve agir pro-

fissionalmente, apresentando o camarão como um produto que agrega valor ao varejo e food service, diferenciando o portfólio de acordo com perfis de lojas e olhando para as diferentes gerações. “Produtos de qualidade nos canais corretos. É disso que precisamos”, confirmou.

Na análise de Alex, a indústria ainda adota uma postura muito “tímida”. “Continuam com a visão apenas do produto congelado”, argumenta o acadêmico e contrapõe: “A automação na indústria traz grandes vantagens em termos de cortes e padronização”.

Essa é uma realidade em diversos países, relata Alex e pondera: “Fora do Brasil, encontramos gôndolas nos supermercados com uma diversidade de produtos. E por que aqui não é assim? Temos consumidores, matérias-primas, mão de obra e tecnologia. Está faltando encaixar as peças”.

Uma possível e provável explicação para os parques investimentos nesta área é a falta de informação, o que gera insegurança. É o que pensa o diretor do Departamento de Ordenamento e Desenvolvimento da Aquicultura e Pesca do MAPA, Maurício Nogueira Pessoa.

“A falta de informação é também uma das nossas grandes dificuldades dentro do governo, pois não se faz política pública sem ela”, afirma.

Junto às secretarias estaduais, o ministério vem trabalhando para recolher e compilar dados diversos, como localização dos principais polos produtivos e volume de produção, além do licenciamento ambiental, dentre outros.

Como conta Maurício, há a previsão para 2022 do lançamento do SIGAC, Modelo de Sistema Integrado de Gestão Ambiental para a Carcinicultura, com informações georreferenciadas da aquicultura nacional. “Uma ferramenta do próprio governo para identificar os gargalos dos polos ou futuros polos, servindo como base para os próprios produtores ou interessados em investir na atividade”, resume e sintetiza: “O objetivo é facilitar o ambiente de negócios”.

**FEIRA  
INTERNACIONAL  
DE AQUICULTURA  
ATRAIU CENTENAS  
DE PESSOAS**



Ao destravar o ambiente de negócios e incentivar o empreendedorismo, o ministério busca acelerar o atingimento das expectativas produtivas. Como apresentou Maurício, em sua palestra, a aquicultura brasileira pode atingir uma produção da ordem de 14 milhões de toneladas ao ano, o que se traduz em ganhos na ordem de 169 bilhões de reais.

“O setor precisa se tornar estratégico dentro do governo para isso ocorrer. É preciso enxergar esse potencial, mas não apenas a gestão atual, mas as seguintes também. Temos um diamante a ser lapidado, que se tornará pujante, como as outras proteínas”, acredita Maurício e confirma: “Agora, se vamos atingir esse potencial den- ▶

COMPETITIVIDADE NA CADEIA PRODUTIVA E PROFISSIONALIZAÇÃO NA DISTRIBUIÇÃO SÃO IMPRESCINDÍVEIS PARA SETOR EXPLORAR POTENCIAL DE CONSUMO. INSERE GABRIEL PIRES



tro dos próximos 10 ou 50 anos, essa velocidade dependerá de uma articulação entre todo o setor, onde cada um tem um papel a assumir”.

**SEGUIR EM CRESCIMENTO.** A produção segue em franca evolução no País, porém, não é o momento de se acomodar. Pelo contrário.

Com duas décadas de experiência em aquicultura, o consultor e fundador da JMP Aquaculture, Jesus Malpartida, deixa o alerta: “As pessoas terão que aprender a produzir de forma intensiva. Hoje, as densidades baixas ainda funcionam, porém, a própria FAO nos diz que a produção aquícola deve crescer ainda mais, e sem desmatar”.

Nesse cenário, é fundamental a carcinicultura ser ainda mais eficiente na questão produtiva. “É preciso saber manejar a biologia, melhorar a digestibilidade da ração e que o camarão e o peixe convertam mais. Não basta apenas a aeração do ambiente, existe uma série de fatores que o produtor terá que dominar”, projeta o consultor.

Para produzir mais, em uma área menor e com reduzido uso de água, em sua palestra, Jesus destacou as vantagens do biofoco. “Nada mais é que um aglomerado orgânico formado por bactérias, algas e pequenos animais microscópicos, que servem de alimentos para os peixes e camarões”, explica.

Não é uma técnica simples, contu-

DIFICULDADE DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA TORNARÁ O CULTIVO INTENSIVO, EM UM FUTURO NÃO MUITO DISTANTE, UMA PARTE IMPORTANTE DA AQUICULTURA MUNDIAL, ACREDITA JESUS MALPARTIDA



CARCINICULTURA EVOLUIU NO CONHECIMENTO DAS NECESSIDADES NUTRICIONAIS, PORÉM, HÁ AINDA MUITO PARA ATINGIR O NÍVEL DE COMPREENSÃO DE OUTRAS ESPÉCIES, RELATA SILVIA PASTORE

do, é fundamental quando o assunto é produção intensiva. “Temos que ser mais eficientes, principalmente em termos de consumo e manejo de água. Quem não tiver esse conhecimento, no futuro terá que fechar as portas”, completa o consultor.

Esse crescimento da atividade, como bem pontuou Maurício Nogueira Pessoa, do MAPA, somente será realidade se todos os elos da cadeia estiverem alinhados. Nesse sentido, um aumento de produção passa, invariavelmente, por um crescimento do mercado de nutrição.

“No setor de rações, o segmento de aquicultura é o que mais cresceu nos últimos anos e é também o que projeta a maior expansão para a próxima década”, evidencia Silvia Pastore, consultora da Jobnutre. Ela completa: “Porém, esse movimento vem acompanhado de vários desafios e oportunidades”.

Diante do cenário de otimismo quanto ao mercado externo, as empresas de ração devem se atentar às exigências e, como apresentou André Brugger, devem se adequar e buscar certificações.

Outro empecilho destacado por Silvia está atrelado às oscilações de preços e disponibilidade das commodities. “Esse novo cenário fez com que os nutricionistas buscassem novas fontes de grãos, proteína e energia

para atender o balanceamento das rações destinadas a animais aquícolas a um custo justo”, contextualiza e determina: “O uso de novas matérias-primas é uma tendência que veio para ficar. E, nesse cenário, a dificuldade reside em conhecer o valor nutricional, digestibilidade e a biodisponibilidade de cada uma”.

E, como conclusão de sua palestra na Fenacam, a consultora reforçou o papel da indústria de ração como grande divulgadora de novas tecnologias e modelos produtivos e defendeu a implementação de inovações: “Devemos integrar cada vez mais a cadeia de produção por meio de softwares de manejo e modelos de predição”. ■

## VEM MAIS POR AÍ

Foram 55 palestrantes, 1.221 congressistas e centenas de pessoas circulando pelos estandes desta edição 2021 da Fenacam. Com a sensação de dever cumprido, Itamar Rocha já adianta a data de encontro do setor para 2022: de 15 a 18 de novembro, novamente em Natal.